

Prostituição de luxo: a vivência sexual das profissionais do sexo

Roberto Mendes Guimarães (UNICENTRO); Maria Alves de Toledo Bruns (FFCLRP/USP).

Palavras-chave: Prostituição; Sexualidade; Redução Fenomenológica.

ST 26 – Prostituição, gênero e cidade.

Introdução

Focamos nossa atenção no fenômeno da prostituição, o qual, no decorrer dos séculos, sempre recebeu várias explicações acerca das razões que mobilizam uma mulher a tal prática: meio de sobrevivência econômica, insatisfação com a família, a busca de *status* social, entre muitas outras.

No contexto da atualidade, a despeito de todas as mudanças com relação à sexualidade, inclusive maior liberação sexual, além das mudanças ocorridas nas instituições sociais, nas relações entre os indivíduos, nas relações de gênero, entre outras, ainda verifica-se a presença marcante dessa prática sexual. Com relação ao momento atual, vale considerar que tal prática ocorre apesar de a mulher ter passado a ocupar um espaço de maior destaque no cenário econômico mundial e, como consequência disto, ter mais oportunidades de emprego do que em outros períodos.

Todavia, apesar de ser um fenômeno comum, a literatura se apresenta escassa em relação a essa prática sexual por garotas que possuem oportunidades de exercerem uma atividade profissional aceita pela sociedade. A partir dessa constatação, nos propomos a pesquisar quais os motivos que levam tais garotas a se prostituírem.

A prostituição é uma prática antiga que nos faz viajar a tempos muito remotos, desde o período Neolítico até os dias de hoje, acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade e a adaptação da prostituição às ordens que se sucedem. Historicamente, esta prática mostra as contradições de uma sociedade hipócrita em relação aos valores da família e da moralidade. Atualmente, mesmo com toda a liberdade sexual conquistada pelas mulheres a partir da década de 60, o fenômeno da prostituição continua muito presente e carregado de estigmas e tabus.

Para entendermos este fenômeno devemos compreender o período da atualidade, o qual denominamos de pós-modernidade, abrindo espaço a uma hipermodernidade.¹ Este período se caracteriza por um ambiente de consumo e pela comunicação em massa, que aparecem como um sonho no qual os sujeitos, estimulados a consumir sem fronteiras, buscam a satisfação imediata, ou seja: “o gozo” é o espetáculo e a visibilidade. O presente “é o aqui e o agora” sem a preocupação com o amanhã.

Nesse contexto, os relacionamentos, as pessoas, tornam-se descartáveis, tal qual uma mercadoria; caso não agrade o consumidor, ele deve buscar outra, outra e outra, e, assim, a superficialidade desses relacionamentos vai se instalando. Como consequência, há um encolhimento das relações humanas, da intimidade, da emotividade e a falta de desejo de estabelecer vínculos amorosos. Além disso, a pós-modernidade carrega consigo uma cultura do narcisismo e do espetáculo, na qual o individualismo e o autocentramento do sujeito adquirem proporções enormes.² O indivíduo da atualidade procura apenas a exaltação do eu, e para isso utiliza-se de todo e qualquer modo de aparecer no cenário social, seja através da estetização de sua aparência, seja através do uso do outro como fonte do próprio prazer. Dessa forma, o que está em jogo na vida do sujeito da atualidade é a sua exterioridade, sua imagem. Ao buscar a admiração, o indivíduo goza com o olhar do outro e não com o outro.³

É dessa perspectiva que focamos o fenômeno da prostituição a partir de três eixos distintos: como um trabalho; como uma busca de prazer e como uma manifestação da adicção sexual. Este terceiro eixo é reservado à análise de autores que enfatizam a prostituição como uma adicção sexual, com viés “patologizante” (perversão e/ou também de uma prática fetichista).

A prostituição como um trabalho é compreendida aqui baseada em diversos autores⁴ que destacam a prostituição como uma profissão na qual a mulher é capaz de fazer uma separação *mente x corpo*; ou seja, trata o corpo como um objeto que é posto à venda no mercado do sexo. O cliente o aluga em busca de satisfação sexual e a prostituta desempenha o seu papel com desenvoltura e propriedade encenando satisfação e gozo garantido a um preço pré-estabelecido. Justifica essa escolha pela necessidade de dinheiro, de ter como se sustentar e como sustentar seus filhos. Já as profissionais do sexo, pertencentes a classes sociais mais elevadas, justificam sua prática também como uma forma de conseguir dinheiro, com a diferença que esse dinheiro é usado para satisfazer seus caprichos, para uma ascensão à sociedade do consumo. Entretanto, verifica-se que essa busca pela prostituição não pode ser explicada apenas pela necessidade de dinheiro e que é também necessário analisar essa prática por outros aspectos correlacionados. Como por exemplo, a busca de prazer, considerando que para essas mulheres o importante é ir para o prostíbulo, visto mais como um local de diversão do que para “batalhar”. Prazer em fazer os “programas” com os clientes sem se preocupar com o tempo; se envolver com clientes; se divertir, não se importando com o projeto de vida; evitar conflitos com as amigas de profissão e clientes; oferecer tratamento diferenciado aos clientes, dando preferência aqueles de quem mais gosta; se preocupar com o próprio prazer e se prevenir de doenças sexuais e de gravidez.⁵

Para compreender este eixo de análise, desmembramos a busca de prazer em três aspectos distintos. Inicialmente, a prostituição permite a essa mulher ascender à sociedade de consumo, pois grande parte do dinheiro ganho com essa prática é investida em bens de consumo, roupas, carros,

entre outros. A prostituição vista por este prisma se assemelha ao modo de ser da fase da adolescência, marcada pelos descompromissos, fantasias e sonhos de consumo, que nesse momento são fomentados pela sociedade do espetáculo.⁶

Outro aspecto deste eixo refere-se ao prazer como uma realização de desejos e fantasias sexuais. Algumas profissionais do sexo afirmavam que o lado bom da profissão é poder se relacionar com os clientes, criando laços de amizade e “companheirismo”. Além disso, existem, alguns clientes que lhes despertam o desejo, nesses casos sentem prazer sexual, o qual vai além do pagamento do valor de seu “programa”. Não raro se apaixonam e se apegam aos mais rotineiros. Outras colocam que o prazer nessa profissão é dar prazer ao homem.⁷ A prostituta, além de buscar a garantia econômica, também realiza suas fantasias de ser desejada e amada pelo sexo masculino. Isso não quer dizer que seus desejos e fantasias sejam satisfatoriamente correspondidos, a relação nesse momento vai muito além de um aspecto apenas comercial.⁸

Por último, destacamos o prazer na prática da prostituição como uma forma de essas mulheres sentirem-se livres e autônomas, pois ao mesmo tempo em que aliviam a necessidade sexual do homem, estão saciando algo íntimo delas próprias. Assim, a prostituição, de certa forma, seria uma alternativa de vivenciar sua sexualidade de forma livre.⁹ Muitas delas optam pela prostituição para não terem horários fixos, não dependerem de patrão, e manterem relação sexual quando desejarem, exercendo seu direito de decidir sobre sua própria vida sexual.¹⁰ Além disso, essa liberdade sexual das profissionais do sexo poderia ser expressa não apenas pela relação com um grande número de parceiros, como também por outras formas de manifestação da sexualidade feminina, entre elas o uso adereços tais como maquiagem e roupas ousadas e a liberdade de frequentar lugares proibidos e andar pelas ruas a hora que desejar.

Porém, aqui é necessária uma pausa para introduzirmos uma reflexão delicada que trata a prostituição como uma via de mão dupla. Já que ao mesmo tempo essa “prestação de serviço” lhe proporciona a tão sonhada liberdade e autonomia, ela pode, também, de forma camuflada, induzi-las à prostituição a partir da situação estabelecida pela relação de poder entre homens e mulheres. A partir de uma visão da antropologia social, a profissional do sexo passa a negar o controle sobre seus atos sexuais por parte do universo masculino. Ou seja, ela foge e questiona os padrões de poder atados à sexualidade. Essa mulher vai ao encontro do que os machões chamariam de destino feminino: virgem até o casamento,¹¹ ser mãe e dona do lar. Entretanto, essa independência de ação é um pouco relativa, já que se prostituir também significa desistir de controlar sua própria vida, passando ao controle do homem, sendo submissa e prestativa às suas vontades.¹²

Nosso último eixo de análise considera a prostituição como uma forma de patologia. A prostituição poderia ser vista como uma forma de patologia no sentido de que mulheres oriundas de famílias desestruturadas e carentes de afeto podem buscar nesta prática uma maneira de se sentirem

“amadas”, demandando um pouco de atenção, ao mesmo tempo em que procuram agredir internamente seus pais.¹³ Além disso, podemos entender, também, que o paradigma da adicção sexual se mostra iluminador, uma vez que o sexo pode ser utilizado como uma forma de aliviar e dissipar os mais variados sentimentos, tais como angústia, raiva e depressão. Outro ponto destacado é que através da prostituição a mulher, de certa forma, abandona as “normas”, transgride as leis, em um processo no qual o ato teria primazia sobre a simbolização, adotando uma posição perversa.¹⁴

Metodologia

Optamos pelo método da redução fenomenológica, constituinte da modalidade da pesquisa qualitativa fenomenológica, o qual nos permite retornar ao mundo da experiência vivida por essas mulheres pertencentes às classes sociais A e B, com idades entre 18 e 30 anos, com 2º grau completo, e, desse modo, compreender suas vivências sexuais como profissionais do sexo.

O acesso às dez colaboradoras ocorreu em casas de prostituição e através de anúncios da internet e de contatos mediados por sujeitos conhecidos do pesquisador, que mantêm laços de amizade com algumas profissionais do sexo. Obtivemos as descrições por meio de uma entrevista consentida e mediada pela seguinte questão: “Gostaria que você falasse a respeito de sua história de vida, como foi a sua infância, sua adolescência, sua vida adulta, relacionando esses com aspectos de sua vida sexual”.

O instrumento utilizado para termos acesso ao relato dessas mulheres colaboradoras da pesquisa foi a história oral de vida, o qual contempla a entrevista, a gravação e a transcrição na íntegra. A análise ocorreu em dois momentos: leitura e releitura de todos os relatos com vista à compreensão do todo e apreensão das unidades de significados e identificação das categorias divergentes e convergentes. No segundo momento, submissão das categorias com suas respectivas unidades de significados ao *corpus* elaborado a partir dos eixos que alicerçam a pesquisa e, desse modo, não apenas ampliar, mas recriar um *corpus* de compreensão acerca das vivências sexuais de mulheres profissionais do sexo, pertencentes às classes sociais A e B.

Resultados e Discussão

Segundo a análise dos depoimentos, destacaram-se algumas categorias construídas a partir das unidades de significado: 1) Infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e iniciação sexual; 2) Vida adulta: as relações afetivo-sexuais; 3) Horizonte da trajetória dos passos iniciais em direção à prostituição; 4) Vivência como profissional do sexo; 5) Projeto de vida.

Infância e adolescência: conflitos infantis, vivência familiar e entrada na prostituição

Embora cada colaboradora atribua significado particular a essas vivências, uma vez que são elaboradas conforme a história de vida de cada uma delas, no que se refere à sua relação com os pais, seus discursos convergem. Em sua grande maioria, essas profissionais do sexo apresentam uma desorganização familiar, marcada por abandono ou rejeição materna e paterna, separação dos pais ou ainda não-contato com eles, conforme podemos observar no trecho abaixo:

Esmeralda: “*Mas... a partir dos meus oito anos meus pais separaram... a partir desse momento eu entrei em depressão. Aos 8 anos? Aos 8 anos. Então... eu fiquei revoltada... porque meu pai começou a me rejeitar... aí eu tive que fazer tratamento psicológico... eu chorava demais por ele não gostar de mim*”.

É possível perceber que as histórias familiares dessas mulheres são marcadas por abandono e ausência. Esta falta inaugural reflete-se na constituição da personalidade psíquica dessas profissionais do sexo, no sentido em que passam a procurar na prostituição uma maneira de preencher um vazio simbólico.

Vivência como profissional do sexo

Outro ponto destacado no discurso das colaboradoras é com relação à explicação para sua entrada e permanência na prostituição. Em sua maioria, justificam a prostituição como um trabalho, afirmando ter sido a necessidade de ganhar dinheiro que as fez procurar esta prática, valendo-se da justificativa de que seria um trabalho como qualquer outro. Conforme esclarece a colaboradora:

Luiza: “*O normal pra mim... é assim... eu to ali... ponho na minha cabeça que eu to ali... to fazendo meu trabalho. Então eu... não... é... eu to ali com a pessoa... eu não fico imaginando... assim... com a pessoa... ah... é meu namorado... e tal... né... eu imagino que é meu trabalho... que eu to ali com a pessoa... que eu tenho que fazer o que eu tenho que fazer... entendeu? [...] se eu tivesse trabalhando numa empresa... aí... pra ganhar R\$800,00... R\$1.000,00 não dava pra viver né... e... a renda que eu tenho mensal... então... dá pra mim sobreviver*”.

O que pudemos perceber, também, é que as colaboradoras iniciavam seus discursos apresentando dificuldades, problemas financeiros e necessidades. Porém, no decorrer das entrevistas, deixavam escapar alguns pontos que demonstravam a existência de outros fatores envolvidos, tais como prazer, outras oportunidades, etc.

Martin (2003) refere-se a essa questão apresentando o termo *estereótipo da necessidade*, que diz respeito à postura dessa profissional. Postura que tem como base um discurso simplista, utilizado como uma forma de comover os interlocutores e a coloca como vítima do destino e da sociedade, não restando outra opção que não a prostituição.

Sendo assim, passaremos analisar os discursos que relatam a prostituição, um encontro com o prazer, abordando outros fatores citados pelas profissionais do sexo que vão além da

necessidade econômica. Em seus relatos, grande parte das colaboradoras afirma envolver-se de forma prazerosa com clientes:

Magda: *“A primeira vez eu lembro direitinho como foi. Era um coroa lindo, cheio da nota, parecia o Antonio Fagundes. Ele não era daqui não... era um empresário e me levou num lugar cheio de gente chique... né... eu adorei. Daí... ele me levou pra jantar depois... e depois a gente foi pro hotel dele. Eu tava super nervosa, mais daí... como a gente tinha bebido um pouco... foi sossegado”.*

A partir do discurso dessas mulheres, podemos perceber que muitas delas sentem prazer na prostituição pela relação, não apenas comercial, que mantêm com seus clientes, mas principalmente pela possibilidade de contatos afetuosos, marcados por sexo, carinho e amizade.

Ainda abordando a prostituição, um encontro com o prazer, outro ponto destacado a partir dos discursos das profissionais do sexo foi em relação a essa prática como uma alternativa para se manter independente e autônoma, como é possível perceber no trecho abaixo: **Adriana:** *“Eu quero ter as minhas coisas... eu não gosto de depender de ninguém... nunca gostei... entende”.*

De acordo com Leite (2005), existiria uma atração pela prostituição como uma maneira de essa mulher exercer sua sexualidade de forma livre, podendo relacionar-se com o número de parceiros que quiser, usar maquiagem e roupas ousadas e freqüentar os locais que de seu interesse a hora que desejar. Martin (2003), na mesma linha de raciocínio, afirma ser esta uma característica da prostituição: buscar nenhum tipo de subordinação. Portanto, de um lado existem autores que destacam a prostituição como uma forma de ser autônoma e livre; e do outro, que relatam que isso não passa de uma ilusão.

Outro aspecto destacado com relação à prostituição, um encontro com o prazer que surgiu nos discursos de grande parte das colaboradoras, foi a questão do consumo, conforme ilustra a seguinte fala:

Magda: *“Eu ganho meu dinheiro e ainda me divirto. [...] Então... o dinheiro que eu ganho nos programas é um extra... né... daí eu posso comprar e fazer tudo que eu quero. Por que... você tem que sempre tá bonita... né... tem que ir no salão... tem que comprar roupa nova... sabe como é... né?”*

Ao que parece, para essas mulheres, a prostituição possibilita que ascendam à sociedade de consumo, freqüentem lugares requintados, sintam-se modelos e tenham dinheiro.

Projeto de Vida

Outro ponto que encontramos no discurso de grande parte das colaboradoras é o desejo de em algum momento abandonar a prostituição, o que pode ser observado no relato a seguir: **Luiza:** *“[...] eu sempre procuro tá fazendo alguma coisa, por que... eu também não vou ficar nessa vida o*

resto da minha vida... né, uma hora ou outra eu vou ter que sair, mais... eu sempre procuro tá fazendo cursos... tá fazendo alguma coisa... sabe... tá viajando”.

No entanto, diante de tudo que já abordamos em relação à prostituição como um alimento psíquico, a prostituição como uma forma de prazer e a prostituição como uma maneira de ascender à sociedade de consumo, acreditamos ser muito difícil essas mulheres mudarem de estilo de vida ou de profissão.

Conclusão

Esta pesquisa nos permite concluir que o fenômeno estudado envolve uma multiplicidade de fatores associados, tais quais: consumo, prazer, independência, o papel masculino na manutenção da prostituição. O contato com a vivência das profissionais do sexo abre novas perspectivas de compreensão, de reconstrução e de ressignificação desse fenômeno. Ao desvelar o significado que as elas atribuem à prostituição no contexto da pós-modernidade, contribuimos para desmistificar, quebrar preconceitos e estigmas, tão marcantes acerca desta prática.

¹ LIPOVESTSKY, G. *Os tempos Hipermodernos*. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004. p. 11-48.

² BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. 219 p.

³ KEHL, M.R. *O espetáculo como meio e subjetivação*. IN: BUCCI, E.; KEHL, M.R. *Videologias: Ensaio Sobre a Televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004. 254 p.

⁴ MARTIN, D. *Riscos na prostituição: Um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP: Fapesp, 2003. 246 p.; FARINHA. G. M.; BRUNS . M. A. T. *Adolescentes profissionais do sexo*. Campinas: Átomo, 2006. 122 p.; BERTERO, A. P. A. *Prostituição: Uma forma de trabalho*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Araraquara. 1991. 294 p.; LEITE, J. L. *República do mangue: Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)*. São Caetano do Sul: Yendis, 2005. 142 p.; CALLIGARIS, E. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2005. 88 p.

⁵ SOUZA, I. *O cliente: o outro lado da prostituição*. São Paulo: Annablume, 1998. 160 p.

⁶ FARINHA. G. M.; BRUNS . M. A. T. *Adolescentes profissionais do sexo*. Campinas: Átomo, 2006. 122 p.

⁷ PIZANI, M. *Formas de Prazer*. Rio de Janeiro: Record, 1994. 176 p.

⁸ MARTIN, D. *Riscos na prostituição: Um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP: Fapesp, 2003. 246 p.

⁹ CALLIGARIS, E. *Prostituição: o eterno feminino*. São Paulo: Escuta, 2005. 88 p.

¹⁰ LEITE, J. L. *República do mangue: Controle policial e prostituição no Rio de Janeiro(1954-1974)*. São Caetano do Sul: Yendis, 2005. 142 p.

¹¹ PARKER. R. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no brasil contemporâneo*. Tradução Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991. 296 p.

¹² MARTIN, D. *Riscos na prostituição: Um olhar antropológico*. São Paulo: Humanitas /FFLCH /USP: Fapesp, 2003. 246 p.

¹³ GREENWALD, H. *Vendedora de carícias: um estudo social e psicanalítico sobre a vida das call girls*. Tradução Dr. Jacob Wolf Fuks. Rio de Janeiro: Científica, s/d. 286 p.

¹⁴ MCDUGALL, J. *As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 272 p.; FERRAZ, F., C. *Perversão*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000. 88 p.